

OFFENIA

F. ADOLPHO COELHO

8
4.036

CASOS DE ANALOGIA
NA LINGUA PORTUGUESA

Extrait de la *Revue Hispanique*, tome XV

NEW YORK, PARIS

1907

Handwritten text, possibly a title or header, located at the top center of the page.

Handwritten text, possibly a date or reference number, located in the upper left quadrant.

Handwritten text, possibly a name or subject, located in the upper center.

Handwritten text, possibly a date or reference number, located in the middle left.

Handwritten text, possibly a name or subject, located in the middle center.

Handwritten text, possibly a date or reference number, located in the middle left.

CASOS DE ANALOGIA
NA LINGUA PORTUGUESA

(MACON, PROTAT FRÈRES, IMPRIMEURS.)

F. ADOLPHO COELHO

CASOS DE ANALOGIA
NA LINGUA PORTUGUESA



Extrait de la *Revue Hispanique*, tome XV

239:481

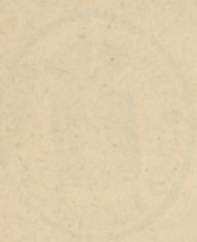
NEW YORK, PARIS

1907

811

CASOS DE ANALOGIA

DE LINGUA PORTUGUESA



H 467188

CASOS DE ANALOGIA

NA LINGUA PORTUGUESA

Num artigo muito interessante sobre o *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, de Brugmann, M. Michel Bréal, depois de ter criticado a explicação, dada pelo auctor allemão e fundada no principio da analogia, de formas gregas e latinas do plural como $\gamma\acute{o}\rho\alpha\iota$, *tabulae*, continúa : « Un autre emploi fort singulier de l'analogie est fait à l'occasion des parfaits latins en *ui* et *vi*, comme *monui*, *genui*, *ivi*, *sevi*, *implevi*, *laudavi*, *amavi*. Ces parfaits viendraient d'une imitation des parfaits *movi*, *juvi* et quelques autres où le *v* appartient à la racine. Par quel privilège ces verbes, qui ne sont ni très nombreux ni d'un emploi plus fréquent que beaucoup d'autres, auraient-ils le pouvoir de transmettre à la moitié des verbes latins une lettre dont ceux-ci n'auraient aucun besoin ? Il est difficile de le comprendre ¹. »

Na passajem transcrita ha que considerar o facto especial das formações do preterito latino em *-vi* e o principio geral nella envolvido. Não é aqui o logar de discutir o facto especial ; tenho em vista averiguar se a lingua portuguesa não a/presentará ⁴ factos que invalidem esse principio. Uma serie constituida por um pequeno numero de formas, pensava M. M. Bréal, não póde, pelo menos não se comprehende que possa, exercer uma influencia analogica sobre uma serie extensa, que não teria necessidade da modificação, e tanto menos quanto as formas influenciadoras não são mais frequentes que outras. Ha aqui um principio de muita

1. *Journal des Savants*, 1894, août, p. 450.

importancia na methodologia da investigação philologica, cuja verdade convem portanto averiguar. Não basta que elle tenha a seu favor a auctoridade dum philologo, a quem devemos valiosos estudos no dominio dos aspectos psychicos da linguagem ¹ (e desse dominio é a analogia).

Em geral os philologos não tem attendido na applicação do principio da analogia ao momento do que podemos chamar a *maioria*, e ainda menos ao da *necessidade*, que não é manifesto pelo menos em grande numero de casos d'indubitavel modificação analogica. Lembrarei uma explicação, typica e extrema, por analogia em que se postergou o principio de M. Bréal. Diez ² apresentára, é certo que interrogativamente, a these de que as desinencias em *-ons* da 1^a pess. plur. pres. ind. e subj. e imperf. dos dois modos na lingua francesa eram um producto da analogia da forma unica *sommes* ou melhor ant. *sons*, 1^a pess. plur. pres. ind., a que corresponde o infinito *être*, e essa these foi defendida por Gaston Paris e outros investigadores de merito, apesar de ter havido tambem quem a combatesse. M. Bréal esteve naturalmente do lado dos que rejeitavam a these. Mas o facto é que das outras explicações apresentadas nenhum era mais accetavel que a de Diez ³.

Menos frisantes, mas fóra de contestação, ha outros casos em que a minoria venceu na influencia analogica. Lembrarei a extensão d'emprego do suffixo participial lat. *-uto* nas linguas romanicas (*-udo, -ut, -u, etc.*), o qual era representado no latim classico por um pequeno numero de formas, como *acutus, argutus, con-*

1. M. Bréal, *Mélanges de mythologie et linguistique*, Paris, 1877; *Essai sur la sémantique*, *ibid.*, 3^e éd. 1904; *Les lois phoniques* em *Revue scientifique*, 1897, 10 juillet, etc.

2. Fr. Diez, *Grammaire des langues romanes*, tr. fr., t. II Paris, 1874), p. 207.

3. Vid. Ferd. Brunot, *Histoire de la langue française*, t. I (Paris, 1905) pp. 200-201, onde vem a bibliographia da questão.

sutus, imbutus, minutus, solutus, tributus, que em geral não ficaram no vocabulário fundamental romanico ou só ficaram como adjectivos (em português dos citados só *acutum* — *agudo e minutum* — *miúdo*). Na idade media o uso dos participios em *-udo* foi muito frequente nas linguas portuguesa e hispanhola, até ao século XIV, para depois cederem o lugar ás formas em *-ido* (ex. : *atrevido, conoçudo, sabudo* — *atrevido, conhecido, sabido*). Hermann Osthoff apresentou sobre este caso, bem conhecido dos romanologos, algumas observações proficuas no seu opusculo *Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung* (Berlin, 1879).

X O gallego desenvolveu da forma medieval *tēdes* (= lat. *tenetis*) as modernas *tendes* e *tedes*. Apesar dessa duplicidade, *tendes* exerce influencia assimiladora (analogica) sobre todas as outras formas verbaes da 2ª pessoa plur. pres. ind. dos verbos da 2ª conjugação que soam, p. ex., *querendes, habendes, sabendes*, e a influencia estende-se ainda ao conj. pres da I conjug., p. ex. *amendes, levendes*¹. Encontram-se formas semelhantes em Portugal, especialmente no Minho : ex. *correndes, vivendes*².

Um outro caso interessante é o da influencia analogica exercida pelas raras formas portuguesas contendo o suffixo *-agem* (= lat. *-aginem*) sobre as formas em *-age* (*aje*), representando o suffixo lat. *-aticum*.

Em lat. achamos *cartilagine-, farragine-, imagine-, mucilagine-, plantagine-, plumbagine-, propagine-, sartagine-, serragine-, tussilagine-, voragine-*. Desses derivados parecem ter-se conservado sómente em português popular :

farragine — na forma antiga *ferraem*, Foral de Thomar em *Port. Mon. hist. Leges I, 400,*

1. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em *Zeitschrift für romanische Philologie*, XIX, 516.

2. J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris, 1901), p. 135.

- trad., no orig. lat. *ferraginem*, hoje diz-se *ferragem*; ocorre tambem a forma *ferrem*.
- sartagine-* — *sartãae* *Visão de Tundalo*, *Revista lusitana* III, p. 103; *sartãe*, *sertém*, depois *sartã*, *sertã* (*sertam*).
- imagine-* — *ymagem*. Cornu, *Anciens textes*, p. 20; *ymagê*, Santo Aleixo, *Revista lusitana* I, p.334, *a omagem*, Alfonso X, *Canc. S. Mar.*, n° III; *sas omagêes*, ib. n° XXV, *omagem* como forma popular ainda em Gil Vicente, *Obras*, ed. Hamburgo, I, 145; *imagem*, I, 199, etc.

propagine-, *plantagine-*, *promagem* *chantagem*, *tanchagem*.

Não conheço documentos das formas **omãe*, *imãe*, *chantãe* *tanchãe*; o hisp. tem *llanten* (como *herren*, *sarten*). O dicc. de Moraes reproduz de Amaro de Roboredo a forma *provagem*, que o auctor porém suppõe erro por *propagem* (= lat. *propagine-*), e que seria então forma erudita; mas não pode negar-se a possibilidade de port. pop. **probagem*, *provagem*. Damião de Goes, fallando de Melinde, diz, na *Chronica de D. Manoel*, parte I, cap. 38: « Tem muitos pomares e hortas, de boa hortaliça e fruta d'espinho e outras prumagens. » Moraes interpretou *prumagens* « arvores que dão pomos de caroço », e considera a palavra como identica a *prumagem* = *plumagem* der. de *pluma*. Ignoro se a palavra occorre noutro auctor ou existe na tradição popular no sentido indicado de arvore que da fruto de caroço. Moraes traz ainda a seguinte accepção: « arvore que dá umas maçãzinhas mui amargosas, em que se enxertam maçãs. » Tratar-se-hia duma macieira brava que serviria de cavallo para enxerto de maçãs; o sentido ainda liga a palavra a lat. *propagine-*; a

palavra acabaria por designar arvores de pomos de caroço, reproduzidas por enxerto. A verdade é que em varios auctores as formas *promage*, *promagem*, *prumagem*, *plumagem* e ainda *pomage*, *pomagem* (resultado, sem duvida, de falsa etymologia, como se viesse de *pomo*) significam « geração, casta » em geral, sentidos que tinha já o lat. *propago*) e em especial casta de frutos d'arvore. No Algarve, a barlavento, falla-se de *figos de promagem* exactamente como a sotavento de *figos de casta*, designando essas expressões os figos que não são *côteos* (ou *coitos*) ou de *toque* (empregados na caprificacão), sendo estes os triviaes. As pessoas instruidas dizem alli *figos de pomagem* (Informação obtida de Lagos, por intermedio do meu amigo e collaborador desta revista David Lopes). Cf. *Revista lusitana*, t. VII (1902), p. 253, onde não se indica a etymologia de *promagem*, aliás apontada já por J. Cornu em Gröber's *Grundriss der romanischen Philologie* I¹ (Strassburg, 1888), p. 769 (na 2^a ed. 1906, p. 986), entre outros exemplos de substituição de *b* por *m*.

Cartilagem e *voragem* são termos eruditos, assim como *mucilagem* e *tussilagem*.

O nome de planta *borragem* é formado por analogia dos em *-agine-*, *-agem* e veio-nos talvez já formado do ital. *borragine*; *saturagem* (lat. *satureia*) experimentou tambem adaptacão analogica a essa serie, emquanto *segurelha*, que tem o mesmo sentido, foi modificado por etymologia popular.

Assim a serie dos derivados em *-agem* = lat. *-aginem*, que eram fêmeninos, reduzia-se em ant. port. a pouco mais de *omagem* (*imagem*), *promagem*, se a alguma coisa mais que pudesse servir de typo analogico.

O suffixo lat. *-aticum* deu normalmente em port. *-adigo*, *-adego*, accentuado *-ádego* e não *-adégo*, como erradamente traz Santa Rosa de Viterbo, o que Fr. Diez notou ¹.

1. Fr. Diez, *ob. cit.*, II, p. 286. Moraes, *Dicc.* e outros repetiram a errada accentuacão.

Exemplos :

ospedadigo. *Regra de S. Bento*, em *Ineditos dos seculos XIV e XV*, t. I, p. 280.

moordomadigo. *Ibid.*, p. 284.

eradiga. *Port. Mon. hist. Leges*, I, p. 403 : Foral d'Arganil de 1175.

montadigo. Viterbo, *Elucidario*, s. v. : Foral d'Aguiar da Beira de 1258.

maninhadego. *Idem, ib.*, s. v. : doc. de 1452¹.

terradego. *Port. Mon. hist., Inquisitiones*, I, p. 23.

amadigo. Viterbo, *ob. cit.*, s. v. : ainda na *Vita Christi* (sec. xv), I, fol. 50 v. : « de Joseph de que som solamente criado ou filho por amadigo². »

taballionadego. « O Chanceller non dará Carta a nenhũu de taballionadego. » *Orden. Affonsina*, liv. I, tit. 2, § 12.

açhadego (premio que se dá por coisa achada e restituída ao dono). *Orden. Filipina*, liv. V, tit. 60. No sentido de coisa achada ainda em D. Franc. Manoel de Mello, *Apologos dialogaes*, p. 92. Ed. Lisboa, 1725.

Em hisp. a forma original do suffixo é ant. *-adgo* (mod. *-azgo*) : ex. *portadgo* (mod. *portazgo*) ; em lephês *-algo* (ex. : *portalgo*) ; cf. leon. e port. *nalga* (em port. ao lado de *nadega*), de lat. **natice*, leon. *mielga* de lat. *medica*³. As formas em *-adego* (*-adigo*) ainda não desappareceram por completo. Conservam-se vestígios dellas em os nomes de lugar de Tras-os-Montes *Vinhago* de ant. *vinhadego* (der. de *vinha*, lat. *vinea*) e *Vidago* (der. de *vide*, lat.

1. Sobre *maninhadego*, vid. J. Pedro Ribeiro, *Observações historicas e criticas*, (Lisboa, 1798), pp. 119-123.

2. Sobre *amadigo*, vid. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Der Ammenstreit* (Halle a S., 1896, de *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. XXII), p. 22-24.

3. R. Menéndez Pidal, *Manual elementar de Gramática histórica española*, Madrid, 1904, § 60.

vitem); talvez tambem no appellativo *gentiaga* (de *gentio*¹, a que devem juntar-se *bestiaga* (de lat. *bestia*, port. *besta*) e *veniaga* (por **vendiaga*, de *vend-er*? cp. *funil* de lat. **fundile* por *fundibulum*, ou já de **veniatica*, derivado no latim vulgar de *venum*) a não ser que haja nesses appellativos derivados com outro suffixo; cp. ant. hisp. *embriago* (de lat. *ebriacus*), port. *aziago* (de lat. *aegyptiācus* por *aegyptiācus*), que são todavia adj., emquanto nos subst. o suffixo *-aca* conserva em geral o seu *c* sem abrandamento em *g*. Os dictionarios dão como forma viva *salvadego*, gratificação dada á marinhagem por salvar os restos do navio naufragado. (Ferreira Borges, *Dicc. jur.*; *Maçd.* de Figueiredo, *Novo Dicc.*).

As formas em *-atico*, *a*, são puramente eruditas, como *esquipatico*, *lunatico*, *sorumbatico*, *viatico*, ainda que por vezes derivadas dum thema popular.

O suffixo *-aticum* tomou em francês a forma *-age*, em provençal *-atge*: ex.: fr. *sauvage*, *brevage*, *courage*; prov. *salvatge*, *beuratge*, *coratge*. Referindo-se ás formas hisp. em *-age*, como *brebage*, *homenage*, *language* e em *-atge* como *domatge*, *oratge* (*Maria egipc.*) observou Diez: « Ici la forme *-g* a été moins souvent appliquée et l'on peut même présumer qu'elle est venue du nord². » M. Meyer-Lübke foi mais explicito: « Très grande est la diversité du développement de *-age* en français, d'où il pénètre ensuite sous les formes *-aggio*, *-age*, *-agem*, dans les langues sœurs³. »

Formas francesas com o suffixo *-age*, que deram depois o typo para novos derivados no solo português, penetraram cedo em

1. Vid. J. L. de Vasconcellos, *Revista lusitana*, II, 116, e III, 275.

2. Fr. Diez, *ob. cit.*, II, 287.

3. Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, trad. fr. II (1895), § 482, p. 570. Sobre o desenvolvimento dos empregos do suff. *-aticum* nas linguas romanicas, vid. todo esse §., Diez, *ob. cit.*, II, 285-287 e A. Darmesteter, *De la création actuelle de nouveaux mots dans la langue française*, Paris 1877, pp. 82-84.

Portugal. No seculo XII encontramos já, ainda que latinizada, a forma *portage* :

portagium (non dent inde —). Foral de Santarem, do autogr. de 1179, em P. M. H. *Leges*, I, 408; *portagem* (non dent (por den) ende —); trad. do sec. XIV, *ibid.*

portagem. Foral d'Abrantes de 1179, *ibid.*, I, 419.

Não ha razão de suppôr que o individuo que lavrou o foral, querendo latinizar o port. *portadigo* ou *portadego*, então ainda usado, tivesse reccorrido á forma *portagium*, que era a latinização usada alem Pyrinéus para o fr. *portage*, ital. *portaggio*, perdida a tradição de que essas formas correspondiam a formas latinas em *-aticum*. A forma *portagem* revela claramente que o fr. *portage* fora assimilado pela desinencia entre nós ás formas em *-agine* latinas, port. *-agem*. A velha *Regra de S. Bento*, já acima citada, que remonta muito provavelmente tambem ao seculo XII, offerece-nos, ao lado de formas em *-adigo*, tambem formas em *-agem* :

o terceiro liagê (linhagem), p. 253, *o quarto linagê* (linhagem), p. 254.

ao mui forte liagê, *ibid.*

Exemplos do seculo XIII :

seu linnage, Affonso X, *Canc. S. Maria*, nº VI.

linnage, Id., *ibid.*, nº LXII.

menage, Id., *ibid.*

parage (ome de —; homem de elevada posição social, alta nobreza), *Canc. D. Dinis*, ed. Lang, v. 2585.

meu linhage (2 vezes, em rima com *trage*), *Canc. da Ajuda*, ed. C. Michaëlis de Vasconcellos, nº 290.

menage (em rima com os antecedentes). *Ibid.*

quen sa linhagen quer ben. *Ibid.*, nº 37.

a meu linhagen..., *a seu linhagen*. *Ibid.*

Em o nº 37 do *Canc. da Ajuda* ha pois oscillação no genero de *linhagem*.

Os seguintes passos dos antigos *Cancioneiros* offerecem-nos os termos *boscage*, *domage*, *peage* :

Lop' Anaya, non se vaya
 Ca, senhor, s'ess'ora vay
 E lhi frorezer a faya,
 A alguen jogará laya.
 Se lhi froreç' o boscage ¹
 Que prendades delle gage.
 Meu senhor, seede sage;
 Ca se essa ora vay,
 Ben fará tan gran damage,
 Come Fernando Romay.

Fernan Soares Quinhones, *Canc. Colocci-Brancuti*, nº 1555
 (428).

Pero Fernandiz, home de Barnage,
 que me non quer de noyte guardar o muu,
 se aca d'el travaren por peage ²,
 como non trage dinheiro nenhuu,
 non lhi vaam ena capa travar,
 nen-no assanhen, ca se s'assanhar,
 pagar-lhis-à el peage de cuu.

Gonçal' Eanes do Vinhal, *Canc. da Vaticana*, nº 1000.

Os poetas aproveitavam a vantagem da oscillação entre a
 desinencia nasalizada *-agem* e a não nasalizada *-age*.

Exemplos de documentos d'archivo, do seculo XIII :

carcerajem, *Port. Mon. hist. Inquisitiones* I, p. 324 (anno 1258).

esta es a brancagem, *Documentos historicos da cidade de Evora*,
 publ. por Gabriel Pereira (Evora, 1888 e segg.), nº 20
 (anno 1280).

açougagem (direitos por vender no açougue), *ib.*, nº 26 (anno de,
 1299).

Exemplos do seculo XIV :

da linhagem, *Livros de linhagem* (em *Port. Mon. hist. Scriptorum*)
 I, 157).

1. *Orig.* froreco bastage.

2. Na estrophe seguinte ha 2 vezes *peagē* e 1 *peage*.

estes linhagens, *ibid.* II, 190.
do linhagem, *Vida de S. Aleixo*, na *Revista lusitana*, I, p. 334.
bão linhagen, *Visão de Tundalo*, *Ibid.*, p. 101.
seu linhagen, *Ibid.*, p. 101.
uiagem, *Ibid.*, p. 104.
beveragem, *Anciens textes portugais*, publ. par J. Cornu. p. 29,

Exemplos de 1401 a 1516 :

auantagê, D. Duarte, *Leal Conselheiro*, ed. Lisboa (*vantagem* ed. Paris), cap. xxv.
carceragees, *carçaragees*. Cortes d'Evora, 1446, artigos especiaes de Santarem.
das linguagêes, Azurara, *Chron. de Guiné*, cap. 35. *a lynguagem*, id, *ibid.*, cap. 77.
da linhagem. *Regimento do almirante* de D. Affonso V e D. João II, em *Alguns documentos acerca dos navegações e conquistas portuguesas*. Lisboa, 1892, p. 34.
bãoa linhajem, *do seu linhajem*, *ibid.*
ferragem (der de *ferro*), *Documentos historicos de Evora*, nº LXXIX (compil. de 1466).
fardagem (der. de *fardo*), Doc. do Porto, de 1482 em J. Pedro Ribeiro, *Dissert. chronol. e criticas*, t. IV, parte II, nº 9.
costumajem, Doc. do anno 1486. *Alguns documentos*, u. s., p. 63.

No *Cancioneiro geral*, compilado por Garcia de Resende (Lisboa e Almeirim, 1515-1516), o qual contém composições metricas a partir de D. Pedro, duque de Coimbra, encontram-se varios derivados em *-agem* (lat.-*aticum*), que, quando as precedem os artigos, pronomes ou adjectivos em concordancia, mostram ser do genero femenino.

A dez a *ferragem*,
 mas crauos nam tem ;
 nam sofre *estalagem*
 caber hy nynguem.

Do *Cofdel moor*. T. I, p. 137, ed. Stuttgart. (Do anno de 1477).

Polos muytos corretores
 ha hy poucas *corretagem*s
 verdadeyras ;
 compradores, vendedores,
 emfrascados em *frascagem*s
 barateyras.

De Alvaro de Brito Pestana. T. I, p. 186.

fera beberagem, em composição do mesmo. T. I, p. 198.
sem coragem — — T. I, p. 198.
d'auantagem — — T. I, p. 241.
vossa prumajem (de *pluma*) — T. I, p. 241.
boscagem, em composição, de Duarte de Brito. T. I, p. 302.
boscageens — — T. I, p. 303.
sua linhagem, em compos. de Luis Anriques, escrita em 1513.
 T. II, p. 278.
suma mensagem, *ibid.*

çnam mostrar-lhes *vltragem*
 nem perderem sa *menagem* (*ibid.*).

carruajem. T. III, p. 81. *potajees. ibid.*, p. 161.

Dos derivados em *-agem* (lat. *-aticum*), o unico que em portu-
 guês se emprega como adjectivo é *selvagem*.

uyda seluagem (*Canc. ger.* T. I, p. 303).

O uso desse derivado substantivamente é vulgar desde a idade
 media.

Os termos em *-age*, *-agem* (lat. *-aticum*) de mais antigo uso vie-
 ram já formados d'alem Pyreneus e devem ser considerados em
 geral como provenientes da lingua francesa, como *portagem*,
linhagem (fr. *lignage*, de *ligne*, lat. *linea*), *parage(m)*, *boscage*, *do-*
mage, *peage*. Estão no mesmo caso outros documentados acima e de
 introduccão mais ou menos antiga, como *viagem*, *brancagem*,
beveragem, *avantagem*, *corretagem*, *linguagem*, *coragem*, *mensagem*
 (posteriormente *mensagem*, por nasalisação do primeiro *e*),
potagem. A forma *menagem* por *omenagem* aponta antes para a fonte
 provençal *omenatge* (fr. *hommage*), tendo perdido o *o* por confusão

com o artigo, o qual foi restabelecido quando se fixou o genero femenino daquelle termo e dos analogos (a *homenagem*), ficando porem *menagem* como forma divergente, na expressão *torre de menagen*.

Figuram acima exemplos de formações portuguezas novas por analogia das vindas do estrangeiro, nasalizado em geral porém o *e* final, por influencia da desinencia *-agem*, de lat. *-agine*, nasalização que não se fixou todavia logo de principio, por completo, como vimos. Exemplos daquellas formações são : *carceragem*, *açougagem*, *fardagem*, *costumagem*.

« Le portugais, diz o snr. Meyer Lübke, assimilent *-age* à *-agem* dans *imagem*, etc., en a fait *-agem* et alors, naturellement, il a aussi substitué le genre masculin au féminin; cf. *carnagem*, *herve ling.*, *cel.* (o aspecto de ceo), *fri.*, *alç.* (*alçado*, na imprensa), *cel.* (officina de gravura) ¹ etc. »

Os factos reunidos acima mostram que phoneticamente a assimilação de *-age* = fr. *-age* (de lat. *-aticum*) a port. *-agem* (de lat. *-agine*) não se operou por completo logo de começo ²; que a assimilação de *-agen* masc. a *-agem* femenino, que fez de *o linbagem* *-a linbagem* só se completou e fixou por completo (abstrahido de dois casos especiaes) no decurso do seculo xv.

Desde o seculo xvi e sobretudo nos ultimos tempos têm-se multiplicado os derivados em *-agem*, pelo typo de *a portagem*, *a linguagem*. A lista seguinte comprehende termos que estão todos em uso, boa parte de formação recente ou adaptados simplesmente da lingua francesa. Com excepção de *personagem*, cujo genero oscilla, são todos femeninos :

abordagem	alçagem ²	aparelhagem
acostagem	ancoragem	apeiragem
açougagem	aparagem	aprendizagem

1. Meyer-Lübke, *ob. cit.*, II, 571.

2. Termo typographic. O uso oscilla entre *alçado*, o mais antigo, *alçamento* e *alçagem*.

aragem	dobragem	hospedagem
arbitragem	dosagem	jardinagem
armazenagem	dragagem	lacagem
vantagem ¹	emballagem	ladrilhagem
bafagem	engrenagem	ladroagem
bagagem	equipagem	laminagem
barcagem	escamotagem	lavagem
bebedagem	esmaltagem	linguagem
beberagem	espionagem	1 linhagem (linha)
blindagem	estalagem	2 linhagem (linho)
cadastragem	estampagem	maganagem
calandragem	estanhagem	malandragem
camaradagem	estiagem	marinhagem
camionagem	estudentagem	mariolagem
canotagem	farandulagem	massagem
carceragem	fiagem	matalotagem
cardagem	farelagem	menagem
carnagem	ferragem	mensagem
carriagem	fogagem	miragem
carruagem	folhagem	modelagem ²
celagem	frascagem	moldagem ²
cirandagem	friagem	molduragem
clivagem	fundagem	moagem
collagem	fungagem	montagem
coragem	gallegagem	niquelagem (nickelagem)
corretagem	garotagem	paragem
cravagem	gatunagem	passagem
criadagem	guiagem	pastagem
cubagem	guindagem	pelintragem
cunhagem	hervagem	pentagem
cylindragem	homenagem	personagem

1. Usa-se mais *vantagem*.

2. Ha oscillação no uso entre *modelagem* e *modelação*, *moldagem* e *moldação*.

pesagem	rodagem	tonelagem
pilhagem	romagem	tubagem
pilotagem	roupagem	vadiagem
piratagem	salinagem	vantagem
plumagem	samblagem	vendagem
portagem	secagem	vassalagem
ramagem	sellagem	viagem
rapinagem	sondagem	viuvagem
raspagem	tatuagem	villanagem
recovagem	tecelagem	visagem
reportagem	tiragem	zincagem

Essa lista de 135 derivados em *-agem*, que considero como ligando-se ás formações em *-age*, está sem duvida longe de ser completa, mas mostra incontestavelmente o poder de assimilação que veio a ter um pequenissimo numero de formas, talvez até uma só forma, *imagem* ou *omagem*, no caso de que tratamos, pois essa era a mais frequente no uso, das raras em *-agem* (=lat. *-agine*), conservadas na lingua, podendo até nós só admittirmos com segurança para o seculo XII e XIII, ao lado dessa, a forma de uso pouco frequente *chantagem* ou *tanchagem*, *promagem*, visto o *g* medial ter sido supprimido em periodo anterior em *ferrãe* e *sartãe*. Mudado o genero dos antigos masculinos em *-agem*, houve fusão completa das duas series em *-agem* de lat. *-aginem* e *-agem* de lat. *-aticum*, de modo que pode ficar-se em duvida nalguns casos se tal derivado deve ligar-se a uma ou outra serie ; é o que se dá com a palavra *serragem*, pelo menos para mim, por não conhecer exemplo medieval della. A verdade é que *serragem* significando a madeira pulverizada pela acção de serrar póde representar o lat. *serraginem* e significando a acção de serrar póde conter o suffixo *-agem* de lat. *-aticum*.

A acção assimiladora de *-agem* (*-agine*) continuará a exercer-se indefinidamente, submettendo á nazalisação e mudança de genero as palavras exóticas em *-age* que as necessidades da technica ou outras façam importar e a ministrar o typo para derivados por-

tugueses novos, que em parte deslocão derivados ja existentes com outros suffixos, como acima se acha exemplificado, e como *ancoragem*, já usado por Damião de Goes (sec. XVI) deslocou *ancoracom*, ainda usado por Azurara (*Chron. Guiné*, cap. 10, etc.; sec. XV).

Condição vantajosa, mas não inteiramente indispensavel, da introdução dum novo derivado em *-agem* é a de existir em português thema igual ou quasi igual ao do novo derivado, pelo som e significação na lingua de que se tirou esse derivado. É por não satisfazerem a essa condição que *équarrissage* (fabrica de guano animal ou melhor artificial) e *garage* (casa para recolher e reparar automoveis), se dizem sim e se lhes attribue já o genero feminino, mas são considerados puros gallicismos e condemnados pelos puristas, que em vão buscam arranjar-lhes equivalentes portugueses, apesar de termos *esquadro*, *esquadriar* (cujos sentidos não incluem nenhum que se aproxime do fr. *équarrir*), e do termo *gare* se ter bastante vulgarizado. Comprehende-se que o mesmo se applica a derivados com outros suffixos. Começa-se a dizer e a escrever *vernissage* (temos *envernizamento*, *envernizadella*), sem nasalização e tambem feminino.

Emprega-se na conversação e encontra-se tambem nos periodicos e livros o termo fr. *chantage*, « action de se faire donner de l'argent par quelqu'un en le menaçant de révéler ses méfaits ou ses faiblesses » e no sentido mais extenso de « buscar obter dalguem uma vantagem ameaçando-o ou perseguindo-o com diffamação. » Esses processos são hoje tão frequentes e de formas tão variadas que o termo corresponde a real necessidade; mas a sua forma portuguesa seria *cantagem*, ante a qual se hesita por causa de *canto*, *cantoria*, *cantiga*, etc., apesar de haver o termo de giria *cantar* que significa tanto como fazer *chantage*; este termo é porém já empregado geralmente como feminino.

A assimilação, pelo lado do genero, dos termos franceses em *-age* aos já existentes em português em *-agem* tem tal poder que num livro dum philologo vimos ha annos escrito do modo

se seguinte o titulo duma obra de Max Müller : *Leçons sur la science de la langage* (em vez de *du langage*).

Têm-se introduzido em português diversos termos em *-age*, apesar dos factos citados, sem adaptação a outros do nosso lexico, como se vê da lista acima; ex. : *bagagem, clivagem, tatuagem*; com os dois ultimos vieram os verbos *clivar, tatuar*.

/f Por vezes faz-se adaptação etymologica, apesar dos etymologos não lhe acharem fundamento. Assim *massagem* que é sem duvida reproducção do fr. *massage*, de *masser*, foi sentido entre nós como derivado de *massar*, no composto *amassar*, de *massa* (lat. *massa*). Os lexicologos franceses definem *masser*, de que deriva *massage* : *pétrir les muscles, les chairs avec les mains, etc.* Littré, Scheler, Darmesteter seguem porém a opinião de Pihan que derivou *masser* do arabe *mass manier, palper*. Littré disse : « Une origine orientale est vraisemblable à cette pratique si usitée en Orient », e Scheler acha a origem arabe da palavra « plus probable que celle du gr. *μάσσειν* pétrir, toucher, palper, presser dans les mains ». A palavra arabe não é talvez mais que a palavra grega. Uma parte das operações da *massagem* é assimilada ao *amassar* da farinha para fazer o pão (os allemães dão áquella operação o mesmo nome que a esta : *kneten*). Orthographistas portuguezes querem que se escreva *maçar*, suppondo a palavra derivada de *maço, maça* (lat. **matea*, cf. *mateolã*), porque uma parte da *massagem* consiste em pancadas com a mão ou um instrumento apropriado). Lembrarei que a *massagem* foi conhecida na antiguidade classica e não se perdeu de todo, pelo menos numa parte da Europa.

As formas *corretagem, corretor*, exemplificadas acima com um passo do *Canc. geral* (sec. xv) têm sem duvida origem no francês em que achamos as formas exemplificadas por Littré, *Dict. s. v. v.*

<i>courratage</i>	sec. XIII	<i>couratier</i>	sec. XIII
<i>courretage</i>	» XIV	<i>coretier</i>	» XIII
<i>courtage</i>	» XV	<i>corretier</i>	» XIV, XV
		<i>courtier</i>	» XVI

Diez e com elle Littré e outros etymologos viram em *courtier*

uma modificação de lat. **curatarius*, der. de *cura*. Se assim fosse a palavra teria sido assimilada sem razão em português a *correr* do lat. *currere*, que Horning aliás afirma ser a fonte de *courtage*, *courtier*, rejeitando com argumentos phoneticos o etymon **curatarius*. Recentemente *corretor* tem sido assimilado a *corrector* (der. de lat. *corrigerere*), como se vê pela graphia frequente dos jornaes, e pronunciado consequentemente com *é* aberto : *corrêtor*. Ha quem diga analogamente *concessão* por *concessão* (e surdo), influenciando *concepção* (*concéção*).

Referi-me acima a duas excepções á feminização dos nomes em *-age*, *-agem* (lat. *aticum*). Trata-se das formas *personagem* e *ultrage*. A primeira pela referencia a pessoa do sexo masculino diz-se geralmente o *personagem*, plur. *os personagens*; com referencia ao sexo feminino ouve-se e escreve-se por vezes a *personagem*; mas os puristas querem que se diga sempre a *personagem*, visto os outros nomes d'igual formação serem femininos, embora tivessem sido primeiramente masculinos.

A forma *ultrage* não tem *e* nasalizado e é masculina. Todavia no *Canc. geral* encontramos *ultragem*. Aqui ha talvez só uma excepção apparente. Do ant. fr. *oltrage* (mod. *outrage*) ou directamente do ant. fr. *oltrager* (mod. *outrager*) teriamos tirado o vb. *ultrajar* e deste o subst. post-verbal *ultrage* masc. (como *toque de tocar*, *lance de lançar*, *pique de picar*).

*
**

O phenomeno da assimilação em português do suffixo *-age* (fr. *-age*, do lat. *-aticum*) a *-agem* (lat. *-uginem*) não póde ser considerado como dando-se exactamente nas mesmas condições em que, por exemplo, se deu a das formas verbaes acima alludidas (p.) da 2ª pes. plur. pres. ind. da 2ª conj. (em gallego tambem as da 2ª pes. plur. pres. conj. da 1ª conj.) á forma unica *tendes*. No primeiro caso, as formas em *-age* vieram no começo de fóra e por assim dizer uma a uma : não póde pois fallar-se, relativa-

mente ao primeiro periodo da introdução dessas formas, do predomínio numerico das assimiladas sobre as assimiladoras. No segundo caso, preexistia nos dialectos respectivos numero mais ou menos consideravel de formas em *-edes* que vieram a assimilar-se á forma *tendes*. Potencialmente a analogia desta forma estende-se no Minho a cerca de 600 formas verbaes, pois tantos são aproximadamente os verbos portuguezes da 2ª conjugação; na Galliza a muitos mais, pois comprehende tambem os verbos da 1ª. Da historia do suffixo *-agem* não póde todavia tirar-se argumento que enfraqueça os que militam contra o principio da maioria nas formações analogicas e tanto menos quanto, se pela forma essa historia é realmente um caso especial, deve ter-se em consideração que quando se operou definitivamente a feminização de *-agem* (lat. *-aticum*) já o numero de palavras derivadas com esse suffixo era um tanto consideravel.

Sem duvida ha muitos casos em que a influencia assimiladora parte, pelo menos aparentemente, duma maioria mais ou menos consideravel, ás vezes até considerabilissima. Lembremos alguns desses casos.

A maior parte dos nomes em *-a* são femeninos e o povo portuguez dá o mesmo genero a varios nomes em *-a* que etymologicamente não o deviam ter como *a chrisma*, *a grama*, *a scisma*, *a symptoma*, *a systeima* (*systema*), *a teima* (*thema*). É bem conhecido o facto dos neutros latinos do plur. em *-a* darem origem a femeninos românicos em *-a*, como em portuguez *a arma*, *a folha*, *a boda* ¹. Karl Brugmann buscou explicar a formação da categoria do genero pela analogia de formas em numero predominante, com desinencias diversas, que exprimíam primeiro propriamente a sexualidade ².

1. Diez, *ob. cit.*, t. II, pp. 19-20.

2. Karl Brugmann, em Techmer's *Internazionale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft*, vol. IV, pp. 100 e segg.; Idem, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Vol. II, 2 (Strassburg, 1889), Anm.

Um caso muito mais consideravel é o da assimilação das formas chamadas fortes dos verbos ás fracas nas linguas romanicas. Já depois da lingua portuguesa ser fixada pela escrita, *jouve* pret. perf. (infin. *jazer*), analogo a *houve*, *coube*, *prouve*, *soube*, *trouxe* (pop. *trouve*), passou á forma fraca *jazi*, resultado, parece, da pouca frequencia do emprego do vb. *jazer*.

Não é de modo nenhum meu intento escrever um tratado da analogia, como o titulo deste pequeno estudo mostra. Limitei-me por isso a exemplos tirados duma subdivisão dos factos de analogia, na qual aliás podem estabelecer-se ainda novas divisões de terceira ordem. Os casos acima reunidos consistem em influencias analogicas exercidas entre formas de themas ou radicaes diversos, isto é não etymologicamente affins; entram na categoria do que Wundt chama assimilações grammaticaes externas e Hermann Paul designara pela expressão de grupos formaes. Darei alguns exemplos de factos que entram na categoria dos que Wundt classifica de assimilações grammaticaes internas e correspondem aos grupos materiaes de Paul. Trata-se de palavras affins etymologicamente (pelos themas ou radicaes) e muito especialmente de palavras que pertencem ao que se chama um paradigma grammatical e entre as quaes se exercem acções analogicas. Exemplifiquemos.

Os verbos derivados com o suffixo *-sco* (ex. lat. *nigresco*) em port. ant. conservavam ainda inalterado o *c* (não assimilado) antes de *o* e *a* :

pres. ind. *gradesco* pres. conj. *gradesca*, etc.
mas *gradece*s, etc,

Operou-se depois a assimilação, passando-se a escrever :
gradeço *gradeça*, etc.

Nalguns verbos as vogaes que são accentuadas nas 3 formas do

pp. 100-101. Idem, *Abregé de grammaire comparée des langues indo-européennes*, trad. fr. (Paris, 1905), pp. 380-382. O auctor mostra como actuaram aqui outros factores, alem da analogia.

sing. e na 3ª do pl. do pres. ind. e conj., experimentam modificações dissimilatorias nas formas em que são atonas e estas actuam sobre as do primeiro grupo. Este phenomeno está limitado a formas exclusivamente populares hoje, como :

<i>sujigo</i> por <i>sujugo</i> (<i>subjugo</i>) por influencia de <i>sujigar</i> , <i>sujigamos</i> , <i>sujigava</i> ,	
<i>sujigas</i> , etc. por <i>sujugas</i> , etc.)	<i>sujigara</i> , <i>sujigarei</i>
<i>sujigue</i> , etc. por <i>sujugue</i> , etc.)	<i>sujigasse</i> , etc.
<i>suffeco</i> , etc. <i>suffoco</i> , etc.	<i>suffecar</i> , <i>suffecamos</i> , etc.

A forma *sujigo* foi empregada nos escritos do poeta Antonio Ferreira (sec. XVI), por exemplo.

Nesses casos como em muitos outros da mesma categoria, isto é em casos d'assimilação grammatical interna, segundo a terminologia de Wundt, ha a apparencia de que a influencia assimiladora partiu duma maioria, exercendo-se portanto sobre uma minoria. Comquanto fique acima demonstrado, segundo creio, que uma minoria, uma só forma até possa exercer influencia analogica sobre uma maioria mais ou menos numerosa, não repugna pensar que o contrario se dê, como parece, noutras circumstancias; afigura-se-me porém que a demonstração rigorosa desta segunda face da questão ainda não foi dada; pelo menos no que conheço sobre a theoria das formações analogicas acho a esse respeito mais supposição que demonstração¹.

Wundt inclina-se a accèptar a existencia duma influencia assi-

1. Vid. W. Wundt, *Völkerpsychologie*. I. *Die Sprache*. Erster Theil. IV, Cap. v. *Associative Fernwirkungen der Laute* (Leipzig, 1900) (não vi ainda a 2ª. ed.); B. Delbrück, *Grundfragen der Sprachforschung, mit Rücksicht auf W. Wundts Sprachpsychologie erörtert* (Strassburg, 1901); a resposta de Wundt *Sprachgeschichte und Sprachpsychologie* (Leipzig, 1901); Ludwig Sütterlin, *Das Wesen der Sprachlichen Gebilde* (Heidelberg, 1902); Hermann Paul, *Principien der Sprachgeschichte*², Cap. v (Halle/S., 1886, 3ª. ed. 1898).

miladora (isto é analogica ou inductora, *inducirende*, como elle diz) em massa, como se vê do seguinte passo que se refere a uma critica de Delbrück : « Nur gegenüber dem hinsichtlich der « Analogienbildungen » erhoben Einwände, dass nicht in allen Fällen *einzelne* Laute, sonderne auch ganz Wörter auf andere inducirend wirken können, möchte ich hervortreiben, dass ich ebensowohl bestimmten Lautcomplexen wie Einzellauten einen solchen Einfluss zuschreibe, während ich zugleich, gegenüber der bisherigen individualisirenden Betrachtung, Werth darauf lege, dass die inducirende Wirkung eine *Massenwirkung* zu sein pflegt, die in der Regel von unbestimmt vielen Wortvorstellungen aus geht, dass also z. B. auf eine Form wie *sturben* nicht nur der Singular *starb*, sondern auch andere ähnliche Pluralformen wie *gaten*, *thaten*, *machten* u. degl. inducirend gewirkt haben ».

Quando a escola chamada dos neogrammaticos renunciou a these da denominada infallibilidade das leis phoneticas, isto é de que as leis phoneticas não têm excepções, these que deu lugar a larga polemica, prolongada por muitos annos, buscou mostrar que as excepções apparentes a essas leis eram devidas á analogia, ou, como se disse tambem, a falsa analogia, expressão com que se queria distinguir o phenomeno do que os grammaticos greco-romanos tinham entendido por analogia. Parecia que aquelle principio d'explicação, como fica exemplificado acima, era coisa nova e varios philologos lembraram que não o era e que particularmente os romanologos (Diez e a sua escola) tinham já feito d'elle amplo uso. Mas os neogrammaticos que fizeram e continuam a fazer ainda mais ampla applicação da analogia, como Hermann Osthoff e Karl Brugmann, desde o começo da publicação das suas *Morphologische Untersuchungen* (Leipzig, 1878), não elucidaram com a necessaria precisão as questões respei-

1. W. Wundt, *Sprachgeschichte und Sprachpsychologie*, p. 63.

tantes ao numero e frequencia das formas assimiladoras. Osthoff hesitou algumas vezes ante explicações analogicas, por insufficiencia numerica das formas que poderiam suppôr-se assimiladoras. O mesmo caso se deu com Friedr. Kluge. Mas K. Brugmann procedeu na materia intrepidamente. Vimos como elle explicou pela analogia dum pequeno numero de perfeitos latinos em *-vi*, em que o *v* pertencia ao radical, o vasto numero de formas em *-vi*, em que o *v* não pertence ao radical, o que suscitou a critica de M. Bréal, acima reproducida. Num artigo de 1879 dissera o mesmo philologo: « Wer zugibt, dass eine Form durch Analogie eine neue schaffen kann, wird auch zugeben müssen, dass zwei Formen vier hervorrufen können, und wer das zugibt, wird auch zugestehen müssen, dass eine Form durch Analogie tausend neue erzeugen kann¹. »

Franz Misteli escreveu: « Wenn Brugmann sagt, zwei Formen könnten eine dritte, drei eine vierte and so weiter bis hundert und tausend erzeugen rein Analogie mässig, so bleibt das so lange eine leere, wenn auch in abstracto als möglich zuzugebende, Behauptung, als nicht im einzelnen Falle die Stufen nachgewiesen oder wenigstens wahrscheinlich gemacht werden können; denn wenn hätte je die blösse Möglichkeit zur Begründung wissenschaftlichen Behauptung genügt² »?

A proposição de Misteli é um simples *truism*: não basta evidentemente que uma coisa nos mereça a classificação de possível para que admittamos que é real. De que se tratava no caso sujeito era, como ja se indicou, se havia ou não casos indubitaveis em que a influencia analogica partira duma forma unica ou dum pequeno numero de formas para um numero maior, por vezes até muito grande, e a existencia desses casos prova -se (casos

1. K. Brugmann em Kuhns *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, t. XXIV, p. 51.

2. Franz Misteli, *Lautgesetz und Analogie* em Steinthals *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, Bd. XI-XII (Berlin, 1880), XI, p. 415.

simples como *teu, seu* de lat. *tuus, suus* por influencia de *meu* deviam pelo menos ser conhecidos dos que, depois de Diez, trataram da analogia). Georg Curtius, na sua critica dos neogrammaticos, foi por certo demasiado longe : « Eine weitere Frage ist die nach der Zahl der Fälle, welche eine Analogiebildung hervorgerufen haben kann oder soll. Dass es glaublicher und wahrscheinlicher ist, wenn man behauptet, eine grössere Anzahl von Fällen habe einen einzelnen oder einige wenige nach sich gezogen, als umgekehrt, wenn man annimmt, eine einzige oder eine ganz kleine Anzahl von Formen hätten die kraft gehabt auf eine grosse Masse anderer einzuwirken, bedarf kaum der Begründung.... Die Analogetiker sind daher auch stets bemüht, wenn es irgend möglich ist, eine grössere Anzahl von Formen als Musterbild herbeizuziehen, aber sie schrecken nicht davor zurück, gelegentlich auch etwas ganz vereinzelter als Vorbild einer grossen Masse aufzustellen. Von derartigen Behauptungen ist mir keine einzige glaublich ¹ ».

O modo de ver de M. Bréal tinha pois antecedentes.

Para fundar com maior segurança a theoria psychologica da analogia (no sentido moderno desta palavra), convem examinar os casos referidos em as numerosas obras especiaes, de que W. Wundt só teve presentes um limitado numero, das mais importantes por certo ². Ás vezes em publicações de somenos

1. Georg Curtius, *Zur kritik der neuesten Sprachforschung* (Leipzig, 1885), p. 56.

2. W. Wundt, *Volkerpsychologie*, 1^a, 1, pp. 444-471 sob a epigraphe *Associative Fernen wirkungen* cita em especial Hermann Paul, num artigo de 1879 e na *ob. cit.* acima. H. Osthoff, *Das physiol. und psychol. Moment in der Sprachlichen Formenbildung* (1879), Wheeler, *Analogy, etc.*, as *Grammaticas* de K. Brugmann e de W. Meyer-Lübke e uns artigos de Bloomfield no *American Journal of Philology*. Só póde louvar-se e propôr-se á imitação o exemplo de Hermann Suchier, que, no seu tratado *Die französische und provençalische Sprache und ihre Mundarten* (em Gröbers *Grundriss* I. 1^a e 2^a ed.) tratou dos factos d'analogia num cap. especial com o titulo de *Associative Veränderungen in den Flexionsformen*.

valor encontram-se factos d'interesse consideravel para a theoria. Depois de larga colheita proceder-se-hia a uma classificação tão completa quanto possivel. Referindo-se á classificação de Wundt (de que indiquei só a divisão que respeita á *assimilação grammatical*, havendo outra que considera a *assimilação semantica*, isto é, por influencia do sentido), escreve B. Delbrück : « Ich möchte aber nicht zuversichtlich darüber urteilen, weil sich die Brauchbarkeit einer Einteilung immer erst dann ergibt, wenn man den Versuch macht, den empirischen Stoff, der innerhalb einer bestimmten Sprachperiode vorliegt, vollständig aufzuarbeiten. Dieser Versuch ist aber bei den Analogiebildungen noch nicht gemacht worden ¹ », e Sütterlin : « In der Einteilung der hierherfallenden Erscheinungen hat Wundt wohl das Richtige getroffen... Ob in ihr freilich alle Fälle ohne Rest aufgehen, kann man erst entscheiden nach einer längeren Gebrauchsprobe ². »

Hermann Paul, B. Delbrück e outros philologos pensaram que as alterações phoneticas, incluindo as que se dão por influencia analogica, têm origem puramente individual e que, quando se extendem a uma comunidade, é em resultado da pura imitação d'individuo a individuo. Wundt reconhece que o momento individual está aqui sujeito a condições geraes, a condições sociaes que não se resolvem na simples imitação ³. « So führt auch hier, gerade so wie bei den Contactwirkungen der Laute, diese Betrachtung zu den Ergebnisse, dass jede in der Sprache zur Herrschaft gelangene Abweichung von den Laut- und Formgesetzen in Folge grammatischer oder begrifflicher Angleichungen ursprünglich ein individueller Vorgang war, der, während eine

1. B. Delbrück, *ob. cit.*, p. 109.

2. L. Sütterlin, *ob. cit.*, p. 50.

3. Sobre a imitação vid. especialmente G. Tarde, *Les lois de l'imitation* (1ª ed., Paris, 1890), especialmente pp. 158 segg. e em geral as obras deste sociologo, nas quaes o principio da imitação representa um papel importante e em que muitas ideias exigem correctivos, apresentados já em parte pela critica.

Menge ähnlicher individuellen Abweichungen spurlos verschwand, durch begünstigende Bedingungen sich verbreitete, bis seine Wirkung schliesslich allgemein wurde. Damit ist nicht gesagt, dass eine solch Abweichung stets nur in einem einzigen Individuum ihren Ursprung genommen habe. Vielmehr, je günstigere Bedingungen der Verbreitung sie vorfand, um so mehr wird auch schon ihre Entstehung erleichtert gewesen sein, so dass viele Einzelne unabhängig von einander den gleichen Wirkungen unterlagen¹. »

Muito ponderosa é a observação com que Wundt continua o passo transcrito : « Mit diesem individuellen Ursprung der generellen Erscheinungen ist für die Natur der Prozesse vor allem dies sichergestellt, das auch hier von einer teleologischen, Willkür und Absicht zu Hülfe rufenden Interpretation unmöglich die Rede sein kann. Denn alle jene individuelle Erscheinungen treten ganz von selbst, ungewollt und zunächst ohne jedes Bewusstsein der wirklich stattfindenden Abweichung ein. Wie die individuelle, so kann also auch die generelle Erscheinung nur in einem psychischen oder physischen Mechanismus oder, da die Sprache eine doppelseitige Function ist, in einem psychophysischen begründet sein². » De modo geral, relativamente

1. W. Wundt, *Völkerpsychologie*, I^o, 1, p. 457. Essas mesmas ideias acham-se expostas com mais decisão e clareza no opusculo do mesmo auctor *Sprachgeschichte und Sprachpsychologie*. Cf. A. Meillet, *compte rendu* daquela primeira obra em *L'année sociologique*, 1900-1901, pp. 598-600, e no da segunda obra, *ibidem*, 1901-1902, pp. 573-574. O momento social nas modificações das linguas e especialmente nas modificações phoneticas foi considerado por outros investigadores, como Karl Brugmann, *Zur heutige Stand der Sprachwissenschaft* (Strassburg, 1885), e E. Wechsler, *Giebt es Lautgesetze?* (Halle a. S., 1900), p. 32, etc.

2. W. Wundt, *loc. cit.* O mesmo philosopho tinha ja dito nos seus *Essays* (Leipzig, 1884), p. 284 : « Die Vorgänge, welche die Entstehung und allmähliche Umbildung der einzelnen ausdrucksvollen Laute und Laut komplexe herbeiführen vollziehen sich durchgehends *willenlos*, teils unter dem Einflusse der *mechanischen* Bedingungen, die sich von Seiten der Artikulationsorgane ergeben, teils unter

às alterações phoneticas, tinham-se já expresso em sentido analogo diversos philologos e têm -se expresso outros posteriormente ¹.

Trata-se em verdade nessas considerações relativas á producção de phenomenos da linguagem do aspecto duma questão mais geral de que me occupei já noutro logar ². O que creio o verdadeiro modo de ver — o expresso pelos citados investigadores — é pouco conhecido em Portugal, como provam, entre outros, os factos seguintes.

Nesta mesma revista lê-se a respeito da palavra portugueza *presunto* :

« Comparando verbos como

<i>fin</i> go	participio	<i>fic</i> tus,
<i>pin</i> go	—	<i>pic</i> tus,
<i>string</i> o	—	<i>strict</i> us,
<i>frang</i> o	—	<i>fract</i> us,

der Wirkung aller der psychologischen Motive, die aus Wahrnehmungen und Assoziationen entspringen können, wobei unter den letzteren wieder diejenigen Assoziationen, die innerhalb dersprachlichen Formen selber sich ausbilden, eine wichtige, wenn auch schwerlich die einzige Rolle spielen. »

1. Por exemplo, William D. Whitney, *Language and the Study of Language* (1867); Karl Brugmann, em Kuhns *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, 1879, p. 4; Victor Henry, *Antinomies linguistiques* (Paris, 1896), p. 66-67; E. Wechsler, *Giebt es Lautgesetze?* p. 32-33.

2. Vid. *A pedagogia do povo português. Introducção em Portugalia*, I, fasc. 1, pp. 60-78 (Porto, 1898). Novas observações, a leitura de obras novas como a de L. Gérard-Varet, *L'ignorance et l'irréflexion* (Paris, 1898), a de Gaston Richard, *L'idée d'évolution dans la nature et l'histoire* (*ibid.*, 1903), a de Lester F. Ward, *Sociologie pure*, trad. fr. 2 vols (*ibid.*, 1906), a de W. Wundt, *Völkerpsychologie* (ainda não completa), a ultima ed. dos *Grundzüge der physiologische Psychologie* do mesmo philosopho, a de J. Grasset, *Le psychisme inférieur* (*ibid.*, 1906, permittir-me-hiam completar e retocar aquelle estudo. Teria então de mencionar o que acho contestavel nalgumas dessas obras, principalmente nas de Ward e Grasset.

com verbos como

<i>cingo</i>	participio <i>cinctus</i> ,
<i>pungo</i>	<i>punctus</i> ,
<i>ungo</i>	<i>unctus</i> ,
<i>jungo</i>	<i>junctus</i> ,

viu-se que havia, para verbos cujo thema do presente acaba em *-ng-*, participios que ora tinham a terminação *-ctus*, ora *-nctus*, e por isso, inversamente, de *suctus*, participio de *sugo*, fez-se **sunctus*. É um caso de analogia, etc. ¹. »

No seculo XVIII, quando se defendia a these de que as linguas tinham sido creadas por convenção, talvez se aceitasse como bom tal modo d'explicar. Mas o seculo XIX substituiu á concepção racionalistica, abstracta, do seculo XVIII, que tinha o seu ponto culminante na these (aliás já mais velha) de que a sociedade era a resultante dum contrato, a concepção genetica, historica, psychologica, e distinguiu entre os productos do espirito popular, espontaneo, irreflectido, ignorante, inculto, dominado pelo mecanismo psychologico, e os productos do espirito individual, *compos sui*, reflectido, sabio, culto, submettido conscientemente á disciplina logica (perdõem-se-me as expressões synonymicas). Os phenomenos da vida collectiva da linguagem não puderam mais ser confundidos com o trabalho do grammatico, seja qual fôr a influencia que este exerça numa lingua pelos meios artificiaes da cultura. (As formações analogicas foram resolutamente consideradas, como outros phenomenos da linguagem, o resultado de processos inconscientes. Não póde, pois, admittir-se que o povo que a *suctus* substituiu **sunctus* (abstraho da questão do periodo em que se teria dado a substituição) tivesse procedido áquella serie de operações acima indicadas no passo transcrito, as quaes só poderiam dar-se na cabeça dalgum douto philologo como o auctor do citado artigo.

1. J. Leite de Vasconcellos, *Notas philologicas em Revue hispanique*, IV (1897), 209.

• É evidente que para o caso nada tinha que ver a serie *tingo, fictus*, etc. por não offerecer analogia directa com *sugo suctus*. A influencia de *unctus*, exercendo-se inconscientemente (sem comparação, portanto, que é um processo consciente) sobre *suctus* bastava para que este fosse substituído por *sunctus*, como bastou existir a forma *tendes* para que em gallego, etc. a *queredes, habedes, sabedes* se substituíssem *querendes, habendes, sabendes* ¹.

A explicação que acima transcrevi é um caso de *grammaticomorphismo*, isto é de concepção do povo como *grammatico*; ora não pode negar-se que se o povo tivesse procedido do modo supposto, no passado, seria capaz de escrever as *Notas philologicas* ou de as ditar pelo menos.

Um dos nossos melhores professores de instrucção secundaria escreveu: « ...quando a creancinha nos diz *eu fazí*, de certo não reproduz de memoria uma palavra que nunca ouviu. Ha alli um trabalho de intelligencia e não muito simples: a creança observou os factos, *-vi, -varri*, etc., generalizou, induzindo a lei; deduziu, fazendo a applicação a novos factos ². »

A creança diz *fazí* (ainda que já tenha ouvido dizer *fiz*, como em casos por mim observados), obedecendo ao puro mecanismo

1. O seguinte quadro mostra-nos a marcha assimiladora do *n* do thema do presente dalguns verbos latinos:

latin	<i>vinco</i>	<i>vici</i>	<i>victus</i>
	<i>pingo</i>	<i>pīnxi</i>	<i>pictus</i>
	<i>jungo</i>	<i>junxi</i>	<i>unctus</i> (cp. <i>jugum</i>)
italiano	<i>vinco</i>	<i>vinsi</i>	<i>vinto</i>
	(di)pingo	(di)pīnsi	(di)pinto
português	<i>venço</i>	<i>venci</i>	<i>vencido</i>

Em **sunto* a analogia estendeu-se já para fóra do dominio das formas que não tinham *n* no thema do presente, no caso sujeito *sugi-*.

Se *unto* é representante do part. *unctum* e não subst. verbal de *untar*, note-se o seu sentido activo em opposição com o passivo de (*pre*)*sunto*.

2. Roberto Pinto, *Algumas palavras sobre o ensino do latim* (Lisboa, 1904), p. 88.

psychologico, sob a influencia immediata de *comi, bebi*, etc., sem inducções e deducções de que ella não é capaz. Pouco a pouco, sob a influencia da repetição auditiva e até da reprehensão, acaba por dizer *fiz* e esquecer *fazi*.

Na explicação referida de *fazi* ha um caso de *andromorphismo* (concepção do espirito infantil como igual ao do homem feito). Se a creança pudesse induzir e deduzir, como suppõe o auctor citado, dispensaria as lições deste professor e dos seus collegas, pois certamente atingiria por si esse desenvolvimento logico que ha razão de considerar como resultante dum processo lento e gradual de cultura, o qual não se herda physiologicamente, e só se transmite pela educação ¹.

Num escrito de E. Meumann, citado na minha ultima nota, o qual foi considerado como abrindo uma era nova no estudo da psychologia infantil, lê-se com referencia a observações dum bem conhecido e distincto psychologo inglês : « Die Mittheilungen Sully's über die kindliche Schlussfolgerungen kann man nur als

1. Nos meus *Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas* (Coimbra, 1901), p. 52 citei os trabalhos principaes, que então conhecia directamente, sobre a linguagem infantil. Depois pude ler mais os seguintes que se occupam do assunto: Tracy, *Psychologie der Kindheit*, trad. allem. de J. Stimpfl (Leipzig, 1899); W. Ament, *Die Entwicklung von Sprechen und Deuten beim Kinde* (*ibid.*, 1899); Idem, *Die Entwicklung der Pflanzenkenntnis beim Kinde und bei Völkern* (Berlin, 1901); Idem, *Begriff und Begriffe der Kindersprache* (*ibid.*, 1902); Idem, *Fortschritte der Kinderseelenkunde* (*Sammlung von Abhandlungen zur psychologischen Pädagogik* aus dem « Archiv. für die gesamte Psychologie » I. Band, 2 Hef. Leipzig, 1904) (importante para o historico e bibliographia do assunto); Ernst Meumann, *Die Entstehung der ersten Wortbedeutung beim Kinde* (Leipzig, 1902); Idem, *Die Sprache des Kindes* (Zürich, 1903); A. Ghergov, *Die ersten Anfänge der sprachlichen Ausdrucks für das Selbstbewusstsein bei Kindern* (*Sammlung*, u. s. II Band, 1 Hef. Leip. 1905); G. Lindner, *Neuere Forschungen und Anschauungen über die Sprache des Kindes* em *Zeitschrift für Pädagogische Psychologie*. vol. VII (Berlin, 1906), pp. 338-392. H. Idelberger, *Hauptprobleme der kindlichen Sprachentwicklung*, *ibidem*, vol. V (1903), pp. 241-297, 425-456 (tambem em brochura áparte).

Beispiel mangelhafter logischer Bildung eines englischen Philosoph bezeichnen.

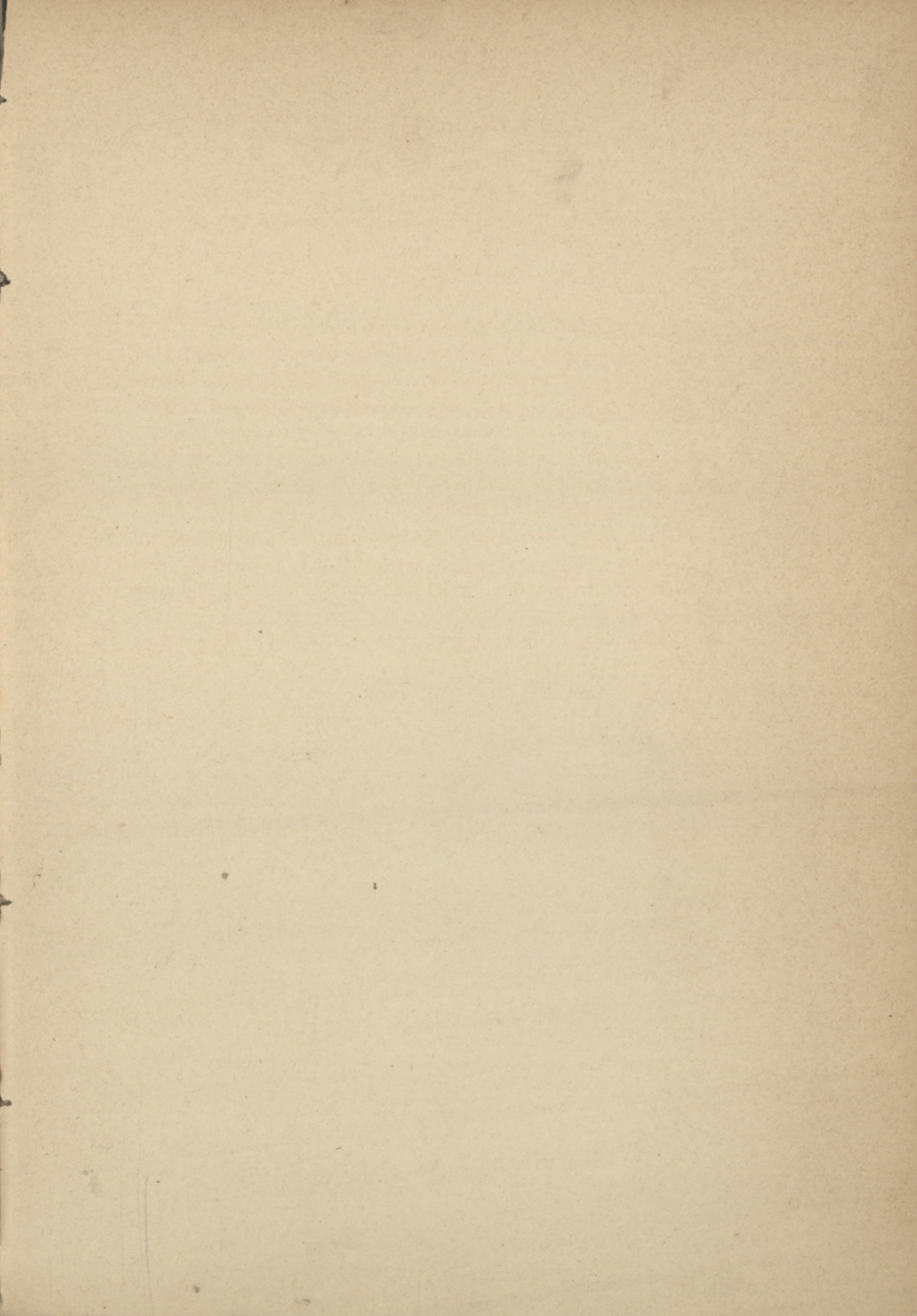
« Ich kann mich im Zusammenhang meiner Ausführung mit diesen negativen Argumenten begnügen. Jeder Schullehrer weiss, wie schwer sich die Kinder von acht Jahren und darüber zu Schlussfolgerungen (natürlich zu enthymematischen) entschliessen und wie unsicher sie in den Verständniss der einfachsten Schlussfolgerungen sind. Nach meiner Beobachtung entwickelt sich die Thätigkeit des syllogistischen Schliessens überhaupt erst an der Hand bestimmter Unterrichtszweige, wie der reinen und angewandten Matematik und gewisser höherer Rechnungsarten. Das gilt speciell von der Deduction (während die Zugänglichkeit für Inductionen und Inductionsschlüsse früher einzutreten scheint); sie von dem Kinde anzunehmen, dass sich in den ersten Sprachanfängen befindet, oder gar von dem noch nicht sprechenden Kinde ist absolut unmöglich¹. »

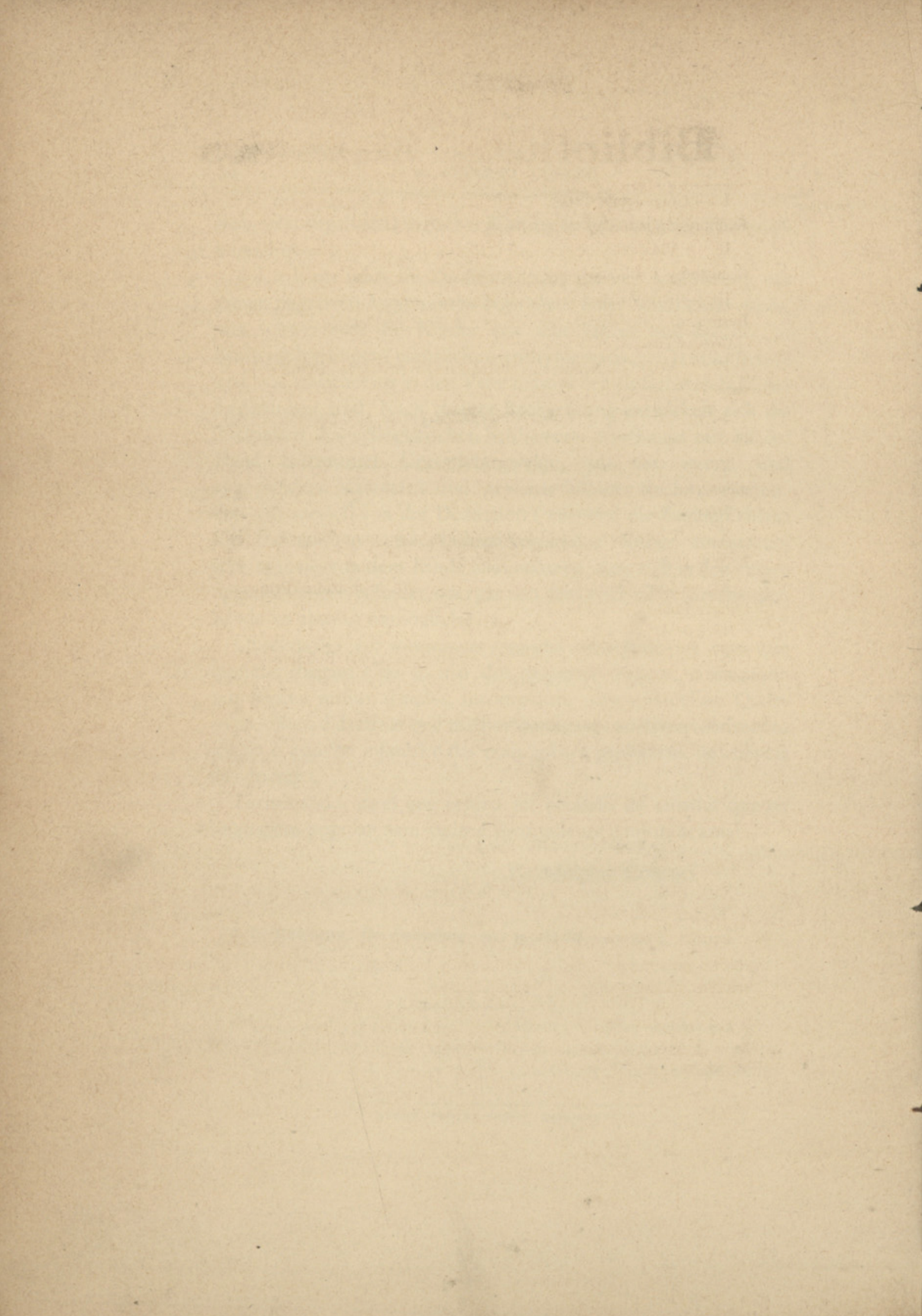
Observações em numerosas creanças mostraram-me com que lentidão chegam ellas ao uso dos processos logicos, começando por formas muito simples, incompletas, obscuras delles. Quaes os processos didacticos que melhor conduzam ao desenvolvimento logico o espirito infantil é das mais arduos problemas da sciencia da educação.

Terminando, direi que espero ter occasião de mostrar que na linguagem popular nem tudo é inconsciente e inintencional.

F. Adolpho COELHO.

1. E. Meumann, *Die Entstehung*, etc. pp. 61-62.





Bibliotheca hispanica

- I. — Comedia de Calisto τ Melibea (Unico texto auténtico de la *Celestina*). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 8 pesetas.
- II. — Vida del soldado español Miguel de Castro (1593-1611), escrita por él mismo y publicada por A. Paz y Mélia..... 12 pesetas.
- III. — La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y aduersidades. Restitución de la edición príncipe por R. Foulché-Delbosc..... 4 pesetas.
Tirage sur grand papier du Japon (n^{os} 1 à 25)..... 25 pesetas.
- IV. — Diego de Negueruela. Farsa llamada Ardamisa. Réimpression publiée par Léo Rouanet..... 4 pesetas.
- V, VI, VII, VIII. — Colección de Autos, Farsas, y Coloquios del siglo XVI, publiée par Léo Rouanet. Les quatre volumes..... 60 pesetas.
- IX. — Obres poetiques de Jordi de Sant Jordi (segles xiv^e-xv^e), recullides i publicades per J. Massó Torrents..... 4 pesetas.
Tirage sur grand papier du Japon (n^{os} 1 à 12)..... épuisé
- X. — Pedro Manuel de Urrea. Penitencia de amor (Burgos, 1514). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 4 pesetas.
- XI. — Jorge Manrique. Coplas por la muerte de su padre. Primera edición crítica. Publicala R. Foulché-Delbosc..... 4 pesetas.
Tirage sur grand papier du Japon (n^{os} 1 à 25)..... 20 pesetas.
- XII. — Comedia de Calisto τ Melibea (Burgos, 1499). Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc..... 10 pesetas.
Tirage sur grand papier du Japon (n^{os} 1 à 25)..... 50 pesetas.
- XIII. — Perálvarez de Ayllón y Luis Hurtado de Toledo. Comedia Tibalda, ahora por primera vez publicada según la forma original por Adolfo Bonilla y San Martín..... 4 pesetas.
- XIV. — Libro de los engaños τ los asayamientos de las mugeres. Publicalo Adolfo Bonilla y San Martín..... 4 pesetas.
- XV. — Diego de San Pedro. Carcel de amor (Sevilla, 1492)... 4 pesetas.
Tirage sur grand papier du Japon (n^{os} 1 à 12)..... 25 pesetas.
- XVI, XVII. — Obras poéticas de D. Luis de Gongora, publicadas por R. Foulché-Delbosc..... Sous presse.
- XVIII. — Spill o Libre de les Dones per Mestre Jacme Roig. Edición crítica con las variantes de todas las publicadas y las del Ms. de la Vaticana, prólogo estudios y comentarios por Roque Chabás..... 20 pesetas.

Les volumes de la *Bibliotheca hispanica* sont en vente à BARCELONE (Librairie de « L'Avenç », Ronda de l'Universitat, 20), et à MADRID (Librairie de M. Murillo, Alcalá, 7).

CONDITIONS ET MODE DE PUBLICATION

La *Revue Hispanique*, fondée en 1894, paraît tous les trois mois ; elle forme chaque année deux volumes de six cents pages chacun.

Le prix de l'abonnement à l'année courante est de VINGT FRANCS pour tous les pays faisant partie de l'Union postale. Aucun numéro n'est vendu séparément.

Le prix de chacune des années antérieures est de VINGT FRANCS.

La *Revue Hispanique* annonce ou analyse les livres, brochures ou périodiques dont un exemplaire est adressé directement à M. R. Foulché-Delbosc, boulevard Malesherbes, 156, à Paris.

Tout ce qui concerne la rédaction et les échanges de la *Revue Hispanique* doit être adressé à M. R. Foulché-Delbosc, boulevard Malesherbes, 156, à Paris.

Tout ce qui concerne les abonnements doit être adressé :
pour l'Amérique, à M. le Secrétaire de *The Hispanic Society of America*, Audubon Park, West 156th Street, New York City ;
pour l'Europe, à la librairie C. Klincksieck, 11, rue de Lille, à Paris.

Bibliotheca hispanica

Voir à la page 3 de la couverture

MACON. PROTAT FRÈRES, IMPRIMEURS.